

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Thaís Ferreira Blois

Curta-metragem e Educação Infantil: uma interface possível

Juiz de Fora

2023

Thaís Ferreira Blois

Curta-metragem e Educação Infantil: uma interface possível

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Olga Egas

Juiz de Fora

2023

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende incentivar a utilização de curtas-metragens na Educação Infantil, visando a criação de momentos de aprendizagem e socialização a partir e com o auxílio dos curtas. Além disso, busca-se também provocar nas professoras a reflexão sobre a sua prática, encorajando que utilizem uma metodologia pedagógica ativa, colocando como uma possibilidade o trabalho previamente planejado com as produções audiovisuais. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e foram propostos alguns curtas-metragens como forma de ensino.

Palavras-chave: Educação Infantil. Audiovisual. Aprendizagem. Interface.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 JUSTIFICATIVA	6
3 REVISÃO DA LITERATURA	11
4 INTERFACE CURTA-METRAGEM E EDUCAÇÃO INFANTIL	19
5 CONCLUSÃO	27
6 REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

As mídias audiovisuais geram um grande impacto na sociedade, influenciando no comportamento social, na definição de conceitos, na construção de um padrão de beleza e na visão do ser humano sobre si mesmo. Além disso, elas são uma forma de registro e, atualmente, estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas (SILVA, 2018).

As mídias audiovisuais são definidas como um meio de comunicação no qual som e imagem são unificados. Essas duas linguagens são articuladas e planejadas visando transmitir alguma informação que provoque a reflexão no telespectador (SILVA, 2018).

As produções cinematográficas, conhecidas também como filmes, são consideradas mídias audiovisuais. Conforme explicitado anteriormente, elas influenciam nos pensamentos e comportamentos das pessoas. As pesquisadoras Silvana Almeida e Tânia Brasileiro afirmam:

Assistir filmes é percebido como uma prática social tão importante do ponto de vista cultural e educacional das pessoas tanto quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas, dentre tantas outras. (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022, p.193).

Os filmes também são uma forma de registro, podendo ser utilizados para conhecer o passado, novas culturas e lugares, possibilitando acessar diversas formas de conhecimento, além de possuírem uma linguagem acessível, o que facilita ainda mais o processo de aprendizagem, como afirma Silva (2018) apoiando-se na especialista em Mídias na Educação, Krisley Pereira da Silva.

Com a popularização das produções cinematográficas, as crianças tornaram-se um público alvo dessas obras. Muitas delas têm seu primeiro contato quando ainda são bebês, o que promove um aprendizado e conhecimento de mundo. Assim como conclui a pesquisadora Silva (2018):

Com os avanços tecnológicos, surgiram diversas possibilidades para a criança ter acesso a mídias audiovisuais e estar conectada com a internet. Assim, pode criar um mundo de oportunidades, facilitando o acesso às informações, uma vez que há variados jogos, aplicativos, vídeos em diversas plataformas disponíveis às crianças (SILVA, 2018, p.9).

Diante disso, os filmes podem ser utilizados como uma metodologia de ensino, inclusive para as crianças. Empregando este recurso, o professor pode proporcionar uma aula

diferenciada, com uma prática que vai além da pedagogia tradicional (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022).

Entretanto, na escola, esse tipo de recurso ainda não é explorado como uma metodologia de ensino, visto que é utilizado apenas de forma recreativa. Principalmente no contexto da Educação Infantil, os desenhos animados são reproduzidos de forma descontextualizada do cotidiano e sem o desenvolvimento de um trabalho posterior à exibição (SILVA, 2018).

A utilização intencional e planejada dos filmes pode ser uma ação educativa bastante potente, e quando a exibição dessas produções acontece com um planejamento prévio, ela pode contribuir no desenvolvimento dos estudantes. Como bem apontado pelas autoras, as "atividades que envolvam exibição de filmes na escola, modificando a prática pedagógica, é um fato que precisa ser posto em prática através de um processo coletivo envolvendo toda a escola" (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022, p.194).

Os filmes podem ser utilizados como uma prática pedagógica, mas deve-se ter cuidado ao escolher o que será transmitido, procurando sempre a utilização de produções adequadas à idade dos alunos, principalmente quando essa metodologia for aplicada com as crianças, pois é um momento no qual elas estão se constituindo, construindo sua personalidade e se conhecendo (SILVA, 2018). O foco desta pesquisa será a Educação Infantil, por isso é mais adequada a utilização de filmes denominados curtas-metragens, pois, por ser uma etapa que abrange crianças com idades entre quatro e cinco anos, deve-se considerar o menor tempo de concentração e foco (SILVA, 2018).

Um ponto que merece destaque é que, pelo fato de filmes ainda não serem utilizados como uma metodologia pedagógica que proporcione reflexão, não há muitas pesquisas sobre o tema, dificultando a aplicação em sala de aula. Outra dificuldade é que, em algumas escolas, não existem condições físicas que possibilitem o uso dos filmes como recurso pedagógico, como, por exemplo, a ausência de projetores, computadores ou TVs nos quais as produções possam ser transmitidas. Silva (2018) afirma que a falta do aparato tecnológico foi um ponto desfavorável para a execução de sua pesquisa com os estudantes, o que pode ser observado e comprovado em situações do cotidiano escolar, até mesmo durante a graduação.

Com isso, o presente artigo tem como objetivo incentivar o uso das produções cinematográficas na Educação Infantil, visando a criação de momentos de aprendizagem que sejam prazerosos e inventivos, além da criação de um ambiente no qual o aluno se sinta confortável para se expressar e debater.

Essa pesquisa visa provocar a reflexão dos docentes sobre suas práticas, buscando maneiras de inovar sua metodologia, procurando sempre alternativas que priorizem o protagonismo infantil e levem em consideração a história e conhecimento prévio do aluno. Que essa nova prática pedagógica incentive a criatividade, a curiosidade, a capacidade de crítica e, por fim, motive os discentes a estudarem.

Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o intuito de criar um aparato teórico que sustente os benefícios da utilização das produções cinematográficas na Educação Infantil. Ademais, foram pensadas sugestões de curtas-metragens para cada campo de experiência definido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o objetivo de incentivar seu uso em sala de aula.

A pesquisa bibliográfica será baseada em quatro textos principais, um deles escrito por Krisley Pereira da Silva, graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2013), com especialização em Docência na Educação Infantil pela UFRGS (2016) e Especialização em Mídias na Educação pela UFRGS (2018). O segundo texto tem como autora Maria Helena Wagner Rossi, graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica (1978), mestre (1990) e doutora (2000) em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O terceiro pertence a Susana Rangel Vieira da Cunha, licenciada em Artes Visuais pela UFRGS (1983), mestre em Educação (1992) e doutora em Educação também pela UFRGS (2005), com estudos na Universitat de Barcelona com Fernando Hernández. E, o último, escrito em conjunto por Silvana Pereira de Almeida, graduanda do 8º período de licenciatura em Informática Educacional, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e Tânia Suely Azevedo Brasileiro, professora titular do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, mestre em Tecnologias Educacionais pela URV (2001) e doutora em Educação pela Universidad Rovira Virgili/Espanha (2002) - revalidado na Faculdade de Educação da USP.

Esse artigo se divide em três momentos: o primeiro justifica a escolha do tema dessa pesquisa, o segundo dedica-se à pesquisa bibliográfica e o terceiro descreve o roteiro de 21 produções cinematográficas consideradas curtas-metragens, classificadas como animação e selecionadas a partir das habilidades e competências indicadas na BNCC para a Educação Infantil. Por fim, há as considerações finais e o referencial teórico estudado.

2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa consiste em tecer reflexões acerca das produções cinematográficas como uma potencialidade didática a ser trabalhada na Educação Infantil. Para isso, inicio explicando a minha relação com os filmes. Na minha existência, as produções cinematográficas estão presentes desde a infância, sempre proporcionando sensações e momentos inesquecíveis, como situações de debate, negociação, afeto, união e conversa, que ajudaram a me constituir como pessoa. Durante a minha graduação em pedagogia e nas minhas vivências em sala de aula, senti falta desses momentos com os alunos. A pedagogia tradicional geralmente não permite esse tipo de ocasião, por basear-se em uma prática conteudista, sem espaço para manifestações artísticas e conhecimento pessoal e de mundo. Infelizmente, a metodologia tradicional está presente na maioria das escolas brasileiras, e acredito que as produções cinematográficas podem ser utilizadas como estratégias significativas, a fim de possibilitar momentos de diálogo e sensibilização, como os vividos por mim, e, ainda, como alternativa para escapar das amarras da pedagogia tradicional.

Desde muito pequena, os filmes sempre estiveram na minha vida. Lembro-me que, durante minha infância e início da adolescência, meu programa de domingo à tarde era assistir a filmes junto com a minha família. O programa começava quando íamos juntos à locadora da cidade e passávamos um bom tempo procurando um filme que agradasse a todos. Esse momento da escolha era de grande aprendizado coletivo, afinal, era preciso ceder, insistir, repensar e, em conjunto, decidir. Às vezes, a ideia original era levar apenas um DVD, mas voltávamos para casa com três, pois havia diversos bons filmes disponíveis. Após isso, deitávamo-nos no chão da sala para assistir aos filmes e comer pipoca.

As produções cinematográficas influenciaram, e ainda influenciam, muito na minha vida. A partir da imersão no cinema, criei mundos nos quais as pessoas eram mais solidárias, empáticas, amigáveis, mas também percebi as atrocidades e os perigos do mundo real. A partir dos filmes e de seus mundos mágicos, pensei em soluções para os problemas do meu mundo. Além disso, os filmes ainda influenciam na minha personalidade e nos meus pensamentos, assim como Silva (2018) explicita ao dizer que as produções cinematográficas influenciam na construção de uma visão de mundo. Com eles, aprendi a importância do lúdico no cotidiano, a compreender meus sentimentos, permitir ter novas sensações e conhecer novas histórias. Aprendi, também, a ter um olhar crítico em relação ao mundo e a estimular minha criatividade. Considero que o aprendizado mais importante foi compreender que, a partir da minha interação com o outro, consigo gerar momentos de felicidade e levar a vida de um jeito

mais tranquilo e leve. Certamente não seria quem eu sou hoje se não fosse pela minha vivência com as produções cinematográficas.

Quem me apresentou a esse universo foi minha mãe, que sempre adorou assistir a filmes. Quando ela era adolescente, gostava tanto de ir ao cinema que chegava ao ponto de ter que sair de casa escondida, e, ainda hoje, continua com essa mesma paixão pelas obras cinematográficas. As primeiras que conheci, apresentadas por ela, foram os stop-motions, feitos a partir de desenhos, massinhas ou resinas, que são milimetricamente movimentados frame a frame para que se torne um filme com movimento. Este era o gênero que mais assistíamos juntas, mas, ao longo dos anos, ela me apresentou outros, como, romance, biografia, suspense, drama, etc. Nosso contato com produções abrangia tanto as nacionais quanto estrangeiras, sem nunca esquecer as animações que sempre conquistaram nossos corações. Esse é um hábito que nos acompanha até hoje e, embora com menor frequência, escolhemos alguns momentos para fazer apenas isso.

Meu irmão mais velho – que assim como minha mãe é um amante do cinema – também me incentivou a assistir filmes. Ele gosta tanto de cinema que já pensou em trabalhar na área e chegou a se inscrever no curso de Cinema na faculdade, mas percebeu que aquele era mais um momento de prazer do que uma forma de trabalho. Por ele, foram-me apresentados filmes de ficção científica, suspenses mais tensos, e aqueles considerados *cults*. Eram produções que me colocavam para pensar e questionar a realidade. Nós não tínhamos como foco um nicho cinematográfico específico, e, na maioria das vezes, a escolha acontecia a partir da sinopse. Lembro-me de várias noites que passamos juntos assistindo a longas-metragens, como a franquia “Star Wars” (1999-2018), que, na época, levamos dois dias para assistir a todos os filmes. Outra sequência que ele adorou foi “Rocky Balboa” (1976-2006), e lembro-me de ele ter assistido a quase tudo em uma noite. Particularmente não gostei muito dos filmes do Rocky, mas, ainda assim, adorava ficar junto dele. Curiosamente, meu irmão adorava assistir às produções de suspense de noite, e dois filmes que assistimos e que me marcaram muito foram: “O Iluminado” (1980) e “Sexto sentido” (1999). O contato com esses longas-metragens incentivou a minha curiosidade sobre produções clássicas, produzidas a partir de 1942, e, inclusive, as produções contemporâneas.

A influência das produções cinematográficas é tão grande em nossas vidas que nós três (eu, minha mãe e meu irmão) inventamos uma brincadeira na qual, em momentos aleatórios do dia, repetimos as falas de filmes e ficamos nos perguntando de qual longa metragem é a frase. Realizamos a mesma brincadeira com as trilhas sonoras. Tal afinidade une nossa família até hoje e, mais ainda, influencia nossa prática docente, já que somos três pedagogos. Não

seria exagero afirmar que o encantamento pelo cinema desenvolveu em nós competências para utilizá-lo como ferramenta didática em nossas salas de aula. A socialização de ideias que acontecia e ainda acontece entre eu, minha mãe e meu irmão, se assemelha a ideia da roda de conversa que Silva (2018) afirma ser de extrema importância para o processo de aprendizagem.

Outro relato que mostra a importância das produções cinematográficas em minha vida envolve minha relação com meus amigos do terceiro ano do Ensino Médio, pois tínhamos o hábito de nos reunirmos para assistir a filmes, e passávamos a tarde fazendo isso. No início, o gênero que prevalecia era suspense, pois era o estilo em comum entre as preferências de todos, mas, com o tempo, mudamos para outros gêneros. Ao final de cada filme, ficávamos muito tempo conversando sobre o que foi visto, debatendo hipóteses, criando teorias e fazendo relações com a nossa realidade. Tais momentos foram muito relevantes, pois geraram debates sobre situações que não conhecíamos e conversas sobre o que estávamos sentindo. Essa vivência fortaleceu nossa amizade, a qual mantemos até hoje, e certamente aumentou minha ligação com o universo cinematográfico.

Muitos filmes marcaram a minha vida, mesmo sem ter a lembrança nítida de qual foi o primeiro que assisti. A minha animação preferida é “Lilo e Stitch” (2002). Desde pequena sou encantada por essa produção, que já assisti várias vezes e, ainda assim, consegue me emocionar. Lembro-me de minha mãe contando que quando eu era pequena exibiram na escola o filme “*Lilo e Stitch 2: Stitch deu defeito*”(2005), e na cena em que, por alguns segundos, Stitch morre, eu não parava de chorar. A professora, preocupada, ligou para minha mãe para perguntar se “tinha acontecido alguma coisa na família”. Em minha percepção infantil, os personagens eram de fato reais e eu tinha uma grande vontade de ser amiga deles. Com “Lilo e Stitch”(2002), consegui compreender que somos diferentes e que essas diferenças devem ser respeitadas. Também aprendi que a família não é só aquela na qual você nasce, mas na qual você se sente acolhido por pessoas que se lembra e deseja estar perto, não importa quanto tempo passe, e que quando todos se ajudam, tudo se transforma. Por fim, a partir desse longa-metragem, construí minha ideia de família e a compreensão de como essas relações são constituídas.

Reconheço que as produções cinematográficas contribuíram para que eu tivesse acesso a outros mundos, caminhos para um refúgio, e um lugar para a promoção de encontros e vivências. Tais reflexões e aprendizagens surgiram graças à experiência vivenciada desde a escolha até o pós-filme.

Entretanto, ao analisar meu período de escola, como aluna e também como estagiária, observei que os professores e a metodologia pedagógica não têm a preocupação em proporcionar esses momentos, que poderiam significar para as crianças experiências parecidas com as minhas, de reflexão, criatividade e aprendizagem. Os filmes, pelo contrário, são utilizados como uma forma de passar o tempo, sem uma preocupação pedagógica por trás, e, por esse motivo, essa pesquisa preocupa-se com o emprego das produções audiovisuais no contexto escolar, visando proporcionar experiências diversas aos alunos.

Além disso, outro incentivador para esta pesquisa foi o filme “Vida animada” (2017), um documentário que apresenta a rotina do autista Owen, um adulto que a partir de filmes de animação conseguiu interpretar e interagir com o mundo. Em determinado momento do longa-metragem, é mostrado um período da infância do protagonista e a dificuldade na comunicação do menino com outras pessoas, até o momento em que sua mãe percebe que Owen repetia algumas cenas de animações e conclui que havia uma relação entre a cena e o que ele estava sentindo. Então, se estivesse triste, ele imitaria uma cena na qual o personagem também estivesse triste. Este é mais um exemplo de como as produções cinematográficas podem auxiliar no desenvolvimento da pessoa.

Relato a seguir uma situação vivenciada por mim no curso de Pedagogia. Durante a realização de um trabalho, foi solicitado ao grupo que pensássemos em elementos lúdicos para serem trabalhados na Educação Infantil. Nesse momento, citei as produções cinematográficas como uma possibilidade e imediatamente o grupo foi contra o meu posicionamento, e, naquele instante, percebi que as produções cinematográficas não são consideradas “úteis” no ambiente escolar. Fiquei intrigada, pois, para mim, era nítido que os filmes poderiam ser utilizados tanto de forma lúdica como mais um instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Reside aqui, portanto, a questão que justifica a pesquisa sobre o tema escolhido: se o cinema possibilita reflexões importantes sobre mim, o outro e o mundo, não deveria estar inserido no currículo escolar?

A partir da minha vivência com a exibição de filmes em casa e a importância deles para a minha percepção de mundo, questioneei por qual motivo as produções cinematográficas são tão pouco utilizadas nas escolas e, se usadas, como poderiam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Coloquei em foco a Educação Infantil, pois considero um momento muito importante no desenvolvimento humano, uma vez que desenvolve a criticidade, a oralidade e a criatividade (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022).

Diante do exposto, a pesquisa pretende incentivar as professoras e os professores da Educação Infantil a questionarem como o processo educativo está acontecendo e propor inovações em suas práticas pedagógicas, com significado, companheirismo e afetividade.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Para a revisão de literatura serão utilizados quatro textos: “Entre *Van Goghs, Monets* e Mônicas: A infância educada através de imagens”, escrito por Suzana Rangel Vieira da Cunha; “Curta-metragem no processo de ensino e aprendizagem: um estudo de caso na Educação Infantil”, de Krisley Pereira da Silva; “Leitura visual e educação estéticas de crianças”, escrito por Maria Helena Wagner Rossi; e o texto “ O cinema como recurso didático pedagógico na Educação Infantil - um relato de experiência”, escrito por Silvana Pereira de Almeida e Tânia Suely Azevedo Brasileiro.

No artigo “Entre *Van Goghs, Monets* e Mônicas: a infância educada através de imagens”, Cunha tem como objetivo compreender como as crianças estão formulando o imaginário e interpretando o mundo. Para isso, a autora foi a uma escola realizar sua pesquisa, que revelou que os alunos produzem suas imagens a partir das figuras apresentadas em seu cotidiano. Sendo assim, a forma como eles compreendem o mundo está baseada no que é apresentado a eles. Visando compreender como as imagens aparecem no contexto escolar, Cunha constata que existem pedagogias visuais que podem interferir de forma intencional ou não no processo de aprendizagem:

As pedagogias visuais formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas. Assim, não podemos perder de vista que há uma pedagogia da visualidade em curso, constituída em diversas instâncias e que se refaz nos contextos educacionais contemporâneos (CUNHA, 2008, p.107-108).

A partir disso, é possível compreender que as imagens e *gravuras* que são passadas nas escolas ensinam normas, valores e comportamentos. Outro fato observado por Cunha é a relação das crianças com essas figuras em suas vivências e cultura. Elas não estão preocupadas em saber a ficha técnica da obra, mas, assim como eu fazia com meus amigos quando assistíamos a um filme, buscam relacioná-la com a realidade. Isso ocorria de forma espontânea, sem planejar a criação de um momento de aprendizagem, porém, quando realizado na escola, esse momento deve ser proporcionado, pois, como afirma Cunha (2008), o conhecimento só se torna efetivo quando existe ligação com a própria vida. Além disso, a pesquisadora reconhece que

conhecimentos sobre a arte são necessários e importantes, mas eles não deveriam ser vistos como um conhecimento dotado de superioridade em relação aos outros e, em particular, àqueles que as crianças trazem. O que observo, quando as professoras

enfocam artistas e suas obras, é que as culturas de alunos e alunas são pouco valorizadas, ao passo que o acervo da *cultura universal* é reverenciado e raramente problematizado ou conectado com o conhecimento das crianças (CUNHA, 2008, p.113, grifo da autora).

Por fim, a pesquisadora afirma que o trabalho com imagens é de extrema importância, pois ele influencia na visão do mundo, no comportamento e nas ideias do aluno (CUNHA, 2008). Além disso, Cunha (2008) recomenda às/aos professoras/es que ao escolher as figuras e a forma que serão trabalhadas na sala de aula, considerem o contexto do discente.

O segundo artigo, escrito por Krisley Pereira da Silva (2018), "Curtas-metragens no processo de ensino e aprendizagem: um estudo de caso na Educação Infantil", trata especificamente da utilização de curtas-metragens na Educação Infantil e como as produções podem contribuir na formação das crianças. Silva defende o quão importante é o trabalho com as mídias, já que, atualmente, o mundo está muito conectado e, desde cedo, as crianças têm acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos.

Outro ponto importante destacado pela pesquisadora é que a mídia possibilita o acesso às informações de forma muito rápida, com diversas maneiras de conhecer e interpretar o mundo, e uma delas é por meio das produções audiovisuais. Sendo assim, elas têm como objetivo levar informação e aproximar ao máximo o criador dos telespectadores por meio de sua linguagem, possuindo uma comunicação mais acessível (SILVA, 2018).

Uma das formas de produção audiovisual é o filme, e, para uma compreensão melhor do conceito, recorre-se à definição de obra cinematográfica de acordo com a lei 2228-1: "II - obra cinematográfica: obra audiovisual cuja matriz original de captação é uma película com emulsão fotossensível ou matriz de captação digital, cuja destinação e exibição seja prioritariamente e inicialmente o mercado de salas de exibição" (BRASIL, 2001).

A medida provisória classifica os filmes em três categorias, sendo definidas de acordo com a duração da obra: se o tempo de duração for igual ou inferior a 15 minutos, é considerado um curta-metragem; quando for superior a 15 minutos, mas igual ou inferior a 70 minutos, é um média-metragem; e quando for superior a 70 minutos, é um longa-metragem.

As produções cinematográficas atuam como um grande influenciador, pois utilizam de diferentes linguagens e imagens para transmitir uma informação. Além disso, é uma forma de apresentar e preservar a cultura local, mostrar formas de se comportar e de falar. Por esse motivo, a educadora Krisley Silva (2018) considera que elas podem ser um recurso pedagógico, afinal, "assistir filmes não é simplesmente ligar um vídeo e uma TV para as crianças, pois as narrativas contêm histórias e significados que afetam seus espectadores"

(p.18). Ainda segundo a autora, “o cinema pode ser um artefato potente para ser usado nas escolas, uma vez que utiliza de diferentes linguagens e imagens para produzir as informações. A escola é um espaço de produção de conhecimento” (Ibidem, p.17).

A autora também aponta que, embora na escola ainda seja bastante comum utilizar o filme apenas como diversão, sem a intenção de provocar reflexão ou gerar nenhum conhecimento, existem iniciativas que promovem a utilização dos longas-metragens no contexto escolar, como o *Programa de Alfabetização Audiovisual*, em Porto Alegre e o *Festival de Cinema Estudantil de Guaíba*, em Guaíba, Rio Grande do Sul (SILVA, 2018, p.17).

A modalidade curta-metragem, quando trabalhada adequadamente, favorece e contribui muito para ações didáticas diferenciadas, como explicita a autora:

A utilização desses vídeos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, quando apresentado de modo a motivar os alunos, enriquecendo as aulas. Os curtas-metragens, devido à combinação de imagens, sons e ao seu tempo reduzido, permitem o trabalho pedagógico com crianças pequenas, contribuindo para o desenvolvimento de uma temática. Eles podem atrair o interesse sem que as crianças percam a atenção, facilitar a assimilação de um conteúdo e dos sentimentos gerados, pois logo após a exibição, eles ainda estão sendo muito presentes (SILVA, 2018, p.18).

Em sua pesquisa, desenvolvida com alunos entre cinco e seis anos, Silva utilizou a estratégia da roda de conversa e um desenho inicial com as crianças para descobrir o que elas sabiam sobre o tema escolhido previamente, que, neste caso, foi “animais”. Depois, exibiu o filme e novamente promoveu a roda de conversa e propôs que as crianças fizessem um novo desenho. Para embasar sua ação, a autora afirma que:

No planejamento do projeto, não deve constar apenas atividades diretivas que ensinem determinado conteúdo, mas sim, atividades que convoquem o aluno a pensar, a refletir sobre sua realidade, reelaborando e produzindo novos conhecimentos. Para o desenvolvimento do projeto pedagógico e também da investigação, foram utilizados momentos chamados de Rodinha. A roda de conversa, na Educação Infantil, configura-se como um momento para que crianças e adultos possam conversar, seja para falar sobre o objeto de estudo, sobre o cotidiano das crianças, sobre si, seus questionamentos, dúvidas e ideias, permitindo um diálogo franco entre todos os participantes (SILVA, 2018, p.24).

A partir da dinâmica supracitada, Silva constata que a exibição provocou uma aprendizagem. Ao comparar os desenhos feitos antes da exibição com os posteriores, foi possível observar uma mudança na concepção do estudante em relação ao que foi exibido

sobre os animais, com o segundo desenho apresentando maiores detalhes se comparado ao primeiro.

A partir das rodas de conversa, os alunos conseguiram expressar ideias mais elaboradas na socialização do pensamento, isto é, na interação com os outros, as crianças complementam o pensamento, criam novas perguntas, demonstram seus sentimentos e valores e, por fim, constroem novos conceitos sobre a temática apresentada. Essa troca tão importante também acontecia quando eu assistia filmes com minha família e amigos e, apesar de não ser algo planejado como a roda de conversa descrita acima, era um momento rico em reflexões e um intercâmbio de informações, ideias e sentimentos. Silva (2018) conclui que:

De fato, os curtas-metragens foram elementos valiosos para o desenvolvimento do projeto pedagógico, levando as crianças a pensarem, a discutirem, a questionarem, de forma a enriquecer suas aprendizagens. Tratar de um assunto, como os animais do mundo, sem levar imagens e sons, não teria agregado tanto sentido para elas. As mídias apoiaram o trabalho desenvolvido, tornando o projeto pedagógico mais interessante, rico e produtivo (p.39).

O terceiro artigo analisado, "Leitura visual e educação estéticas de crianças", de autoria da professora Maria Helena Wagner Rossi, reconhece o valor de trabalhar com a tecnologia e reitera a forma como ela se faz presente no dia a dia das crianças. A pesquisadora, no trabalho em questão, almeja entender as possíveis transformações na leitura visual e na concepção da formação do pensamento estético.

Rossi descreve a geração nascida depois da década de 1980 como alunos mais participativos, que não compactuam mais com a pedagogia tradicional. De acordo com ela, esses alunos precisam de um estudo mais ativo, com abordagens não lineares, já que gostam de desafios e sua aprendizagem acontece de forma individualizada, pois primeiro compreendem internamente o conteúdo para depois compartilhar com o resto do grupo (ROSSI, 2015). No livro "Pedagogia da tolerância (2020)", que reúne textos do educador Paulo Freire, é defendido que esse processo de aprendizagem acontece por meio da troca de experiências, como explicita o trecho a seguir: "para mim, o processo de aprender, o processo de ensinar são, antes de tudo, processos de produção de saber, de produção de conhecimento, e não de transferência de conhecimento" (FREIRE, 2020, p.135).

Rossi (2015) aponta a importância de levarmos em conta as condições de leitura do aluno, pois

Impelidos a lhes propiciar uma formação cultural, muitas vezes não respeitamos a natureza do seu pensamento estético, exigindo uma compreensão que eles não

alcançam. Além disso, muitos professores e mediadores ainda acreditam que informações históricas, dados biográficos ou aspectos formais (elementos e princípios da composição) são as coisas mais importantes na educação estética dos estudantes. Há, ainda, a crença de que os pequenos podem – e devem – compreender as intenções dos artistas ao criarem suas obras e os que “imaginam” que as crianças compreendem arte como os adultos. Enfim, são muitos os equívocos possíveis no campo da leitura visual quando não se leva em conta os processos de construção de conhecimento estético dos estudantes em cada momento do processo de escolarização e em cada contexto (p.216).

Na escola, persiste o equívoco de que as crianças e os adultos irão interpretar as imagens do mesmo jeito. Segundo Rossi (2015), tal crença não se justifica, pois o pensamento estético infantil ainda está em formação, enquanto os maiores já o possuem. Essa diferença de perspectivas estéticas também era perceptível nas conversas com a minha mãe e meu irmão, pois, por conta da diferença geracional, tínhamos pensamentos e visões de mundo diferentes. Algumas vezes essa troca era um ponto positivo, já que aprendíamos uns com os outros, mas, em outras, tornava a comunicação mais difícil, principalmente quando eu era criança.

Rossi (2015) destaca que, ao trabalhar as imagens com as crianças, é fundamental levar em conta seu conhecimento prévio, sua realidade, e seu contato com a arte. Sendo assim, sua interpretação pode parecer ingênua, mas é a forma como a criança expressa seu pensamento. A autora afirma, ainda, que no trabalho com imagens na Educação Infantil, é possível constatar que as crianças são mais voltadas para si mesmas, com dificuldade de escutar os colegas. De modo geral, ao analisarem uma obra de arte, conseguem focar em apenas um aspecto e, ao qualificá-la, usam aspectos particulares, como a cor preferida.

Nesse caso, a mediação deve oportunizar à criança oportunidades para expor ideias, dúvidas e descobertas, obter respostas às suas perguntas, dialogar com os pares, ouvir e ser ouvida, respeitar e ser respeitada... se ela não for valorizada na expressão de suas ideias, num clima de confiança e respeito, tenderá a se retrair e a se calar. É nesse clima de confiança e respeito que o pensamento estético se desenvolve (ROSSI, 2015, p.220).

Ao chegar aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o estudante já consegue pensar de forma coletiva, ter uma escuta mais atenta, prestar atenção na imagem por completo e estabelecer narrativas mais longas. Ele enxerga apenas o concreto da obra de arte e cria hipóteses sobre o que não conhece. Nos anos finais, já busca por metáforas e sentidos simbólicos (ROSSI, 2015, p.225).

Diante disso, Rossi (2015) explicita que, em todos os momentos, a docente deve assumir o papel de professora mediadora, apresentando elementos que permitam que os alunos consigam relacionar as produções artísticas com suas vivências pessoais para construir

novos conhecimentos. Para corroborar com essa concepção, no artigo “O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento”, Bulgræn (2010) afirma:

É justamente, pensando nessa “prática social” que o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social (p.32).

Ainda sobre a importância da construção da leitura visual pela criança, Rossi (2015) observa que:

A leitura visual pode contribuir nessa educação emancipadora de que fala Larrosa, ao proporcionar oportunidades para os estudantes pensarem sobre arte – por si mesmos, já que, como dito acima, criança e filosofia não são incompatíveis e os questionamentos de uma discussão estética têm caráter filosófico. Mas considerando que não é qualquer leitura ou discussão estética que serve para todos, é compromisso do professor/mediador estar atento a cada contexto de sua atuação (p.227).

Por fim, a autora reafirma que a leitura visual e a percepção estética proporcionam o desenvolvimento do pensamento crítico, da escuta atenta, da autonomia e da prática de questionar a realidade, desde que as imagens sejam escolhidas para provocar debates, reflexões, curiosidade e interesse na criança (ROSSI, 2015).

O último artigo analisado, “O cinema como recurso didático pedagógico na Educação Infantil: um relato de experiência”, de Silvana Almeida e Tânia Brasileiro, relata a experiência de um estágio realizado no curso de Licenciatura em Informática Educacional, na Universidade Federal do Oeste do Pará. O texto define a Educação Infantil, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como “primeira etapa da educação básica, [que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDBEN nº 9.394/96). Ainda segundo o documento, essa etapa da educação visa desenvolver consciência crítica, oralidade, criatividade, e linguagem, além de aspectos físicos, sociais, psicológicos, e intelectuais, com o intuito geral de auxiliar no processo de socialização.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também estabelece o que deve ser desenvolvido na Educação Infantil, definindo seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022), direitos esses divididos em cinco campos de experiência. Sobre o ensino da arte, as autoras afirmam:

De forma geral, os objetivos inerentes a arte, constantes na BNCC, disciplinam que o professor deve incentivar as crianças, dentro das atividades já propostas, ou proporcionando meio específico para isso, à que elas possam expressar seu sentimento, criando com o corpo formas diversificadas de expressão, sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança teatro e música, e por meio do audiovisual (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022, p.230)

Acerca da importância da utilização de obras audiovisuais no contexto educacional, Almeida e Brasileiro (2022) reiteram que:

Nesse sentido, corrobora Coelho (2011) ao afirmar que o cinema é uma importante ferramenta dentro do contexto didático-pedagógico, e permite ao professor por meio das aulas audiovisuais, ou do próprio cinema, ensinar de forma lúdica; ou seja, seja através da exibição de um filme ou desenho a aula torna-se mais agradável e atrativa aos alunos, e retém a atenção das crianças, despertando-lhes interesse pelo tema que está sendo demonstrado, não sendo mera estratégia tradicional de ensino, mas sim uma forma prazerosa de aprendizagem (p.231).

A partir do que as autoras expõem, entende-se que o professor pode planejar estratégias mais lúdicas com e para seus estudantes, incentivando a criatividade, o pensamento crítico, e uma nova forma de ver o mundo, o que ocasiona o aumento da curiosidade e o desejo de participação no aluno. Em minha vida, os filmes proporcionaram, e ainda proporcionam, o sentimento de curiosidade e o entusiasmo em aprender, como descrito pelas pesquisadoras. Para que isso aconteça dentro da escola, a metodologia utilizada para trabalhar com o filme deve provocar o aluno a fim de atingir os objetivos descritos acima.

As pesquisadoras Almeida e Brasileiro (2022) concluem o relato de experiência afirmando que, a partir da utilização dos curtas, notaram um interesse maior dos alunos em participar das aulas e das atividades, possibilitando, assim, que eles se desenvolvessem de forma crítica e reflexiva.

Nesse sentido, pode-se compreender o cinema como uma “máquina de produzir pensamentos”, capaz de ultrapassar o possível e o imaginário. O cinema é uma perspectiva que possibilita ao aluno uma nova maneira de construir o seu próprio conhecimento (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022, p.251-252).

Para além das importantes reflexões apresentadas nos textos escolhidos e analisados, sobre a presença do audiovisual nas escolas, a Lei nº 13.006, de 26 junho de 2014, determina que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais”. A Lei em questão inclui o parágrafo 8º ao artigo 26 da

Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

A partir dessa lei, é possível constatar que os filmes são considerados um material pedagógico e, por isso, podem – e devem – ser utilizados dentro da sala de aula, uma vez que os artigos analisados confirmam que a utilização das produções cinematográficas no contexto da Educação Infantil influencia no desenvolvimento das crianças e promove diferentes aprendizagens individuais e coletivas, e a LDB dita a obrigatoriedade da exibição.

A revisão da literatura permite considerar que quando o aluno consegue relacionar uma produção cinematográfica com sua vida, as aprendizagens acontecem, a despeito de conhecer ou não os aspectos técnicos das obras cinematográficas, como no meu caso pessoal. Ao assistir a um filme, acontecia um movimento de autoconhecimento ao surgir dúvidas sobre o mundo e sobre mim mesma que me proporcionaram uma reflexão, permitindo-me imaginar possibilidades para o futuro, e buscar a solução de problemas. As pesquisadoras corroboram que esse movimento também pode acontecer nas salas de aula.

Um aspecto valorizado nos artigos apresentados é o momento de socialização (roda de conversa) após a exibição das produções cinematográficas, que também reconheço em minha vivência. Além de conceber a existência de um momento de escuta e fala, as crianças, nesse movimento, tornam-se capazes de compreender a existência de diferentes pontos de vista em relação a uma mesma situação, ato esse que proporciona uma visão ampliada do mundo que nos rodeia e das diferentes formas de vivê-lo. Todas as autoras têm em comum a certeza de que as imagens e os audiovisuais favorecem os aspectos supracitados e precisam compor os conteúdos curriculares trabalhados na escola. Como dito anteriormente, os filmes ajudaram a moldar minha personalidade, fazendo com que eu sonhasse com um mundo mais inclusivo e solidário, bem como abriram meus olhos para as desigualdades presentes na sociedade. As produções cinematográficas promovem um conhecimento pessoal e cultural, tanto do contexto no qual o espectador vive, quanto acerca das diferentes culturas que o rodeiam.

Concordando com as pesquisadoras sobre a relevância do uso pedagógico das produções cinematográficas, acredito que há urgência em transformar a escola em um espaço de aprendizagem mais significativo e interessante, no qual o aluno sinta-se confortável para falar e escutar os outros com mais afeto.

Com o objetivo de incentivar os docentes da Educação Infantil a explorar as produções cinematográficas em sala de aula, e em especial, os curtas-metragens, apresento, a seguir, algumas indicações de animações.

4 INTERFACE CURTA-METRAGEM E EDUCAÇÃO INFANTIL

Como já dito, ao rememorar meu tempo dentro de sala de aula, tanto como aluna quanto como estagiária de pedagogia em diferentes escolas, constatei que momentos nos quais o aluno pode se expressar e debater, sendo o protagonista de momentos de união e de compartilhamento de ideias e sentimentos, são raros, e, a partir dos curtas, tais ocasiões podem estar mais presentes na escola. Com o objetivo de incentivar a utilização dos curtas-metragens como uma prática que impacta positivamente no desenvolvimento das crianças, esta pesquisa apresenta algumas propostas com produções cinematográficas que podem ser encontradas no Youtube e na plataforma de streaming Disney Plus, cujos *links* se encontram nas referências.

As propostas estão fundamentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para as crianças com idade entre quatro e cinco anos e onze meses, tendo em vista sua abrangência nacional. Porém, é válido ressaltar que a BNCC não apresenta explicitamente a utilização de obras cinematográficas, e, por esse motivo, ações didáticas abordam os objetivos e campos de aprendizagem elencados no documento.

A BNCC é um documento de caráter mandatório, que determina alguns aspectos a serem desenvolvidos na educação básica. A etapa da Educação Infantil se divide em cinco campos de experiências, nos quais são indicados alguns objetivos que envolvem conhecimentos a serem trabalhados com as crianças. Os campos determinados são: “O eu, o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, cores, sons e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; e, por último, “Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações”. Assim, como explicitado nos artigos já mencionados no presente trabalho, o documento utilizado tem como princípio a formação integral do aluno, o que significa o desenvolvimento de aspectos pessoais, sociais, cognitivos, emocionais e corporais, valorizando suas vivências, as diferentes formas de linguagem e visando a formação crítica.

O texto a seguir está organizado da seguinte maneira: uma breve explicação do campo de experiência que será desenvolvido, e algumas produções cinematográficas, com a apresentação de um resumo sobre os acontecimentos retratados na obra, seguidas de uma conexão com o campo escolhido. Por fim, será feita uma relação do que foi abordado nos conceitos dos curtas com a discussão teórica realizada anteriormente. Vale ressaltar que os curtas serão selecionados para um campo em específico, mas podem ser utilizados de forma interdisciplinar, abrangendo mais de um campo.

Os primeiros curtas-metragens irão tratar do campo “O eu, o outro e o nós”, que tem como objetivo desenvolver o aspecto social, pessoal e as relações interpessoais, colocando o aluno em contato com outras culturas e com as diferenças, visando aumentar o respeito pelos outros e a valorização de si mesmo. Foram selecionados sete objetivos que devem ser debatidos com os alunos para alcançar o que foi proposto.

O primeiro curta analisado foi “Pequeno raio de esperança” (2014), dirigido por Alyce Tzue. Com duração de quatro minutos e cinquenta e seis segundos, o filme tem como país de origem os Estados Unidos da América, e é classificado como animação, aventura, fantasia e família. No curta, uma jovem está tentando construir um avião, porém sem sucesso. Tudo muda quando cai do céu uma pequena aviadora que estava pilotando um mini dirigível que se quebra com a queda, fazendo com que ela se perca de seus amigos que seguem no voo. A partir disso, a jovem decide ajudar a aviadora a consertar o dirigível. Ao analisar os objetivos propostos neste campo de experiência, o curta-metragem pode desenvolver a empatia, a autoconfiança, a independência, e a comunicação, além de ampliar as relações interpessoais.

O segundo, intitulado “Parcialmente nublado” (2009), e dirigido por Peter Sohn, tem duração de cinco minutos e dezenove segundos, e os EUA como país de origem. Classificado como animação, comédia, drama, família e fantasia, a narrativa retrata uma nuvem cinzenta que criava “criaturas” que machucavam sua amiga cegonha, até que, um dia, a ave partiu em direção a outra nuvem. A nuvem cinzenta ficou muito triste e com raiva, pois temia que a cegonha não voltasse mais. Entretanto, a cegonha retirou-se para procurar um equipamento de segurança e, assim, continuar fazendo as entregas de sua amiga. A partir deste curta, o tema da empatia, da comunicação, e da ampliação das relações interpessoais também pode ser desenvolvido, e, além disso, a questão do respeito às diferenças pode ser trabalhada.

O próximo curta, denominado “O presente” (2014), é dirigido por Jacob Frey, tem duração de quatro minutos e dezoito segundos, é classificado como animação, drama e família, e tem origem alemã. O curta aborda a história de um menino que possui uma deficiência física e passa o dia jogando videogame, mas, ao receber uma caixa, tudo muda, pois dentro dela há um cachorro que, assim como ele, tem uma deficiência física. No primeiro momento, o garoto não aceita muito bem o cachorrinho, mas depois se apega ao animal. Por trazer a questão da representatividade e da inclusão, esse curta, além de abordar a valorização da diferença e das características individuais, também pode abordar questões sobre empatia e autoconfiança.

O quarto curta-metragem selecionado para esse campo é “Fora de vista” (2010), dirigido por *Yuya Ting*. Com duração de cinco minutos e vinte e sete segundos, tem como país

de origem Taiwan e é classificado como animação, aventura, drama, família e fantasia. A narrativa retrata uma menina cega que se perde de seu cão guia. Ela encontra um graveto e começa a encostá-lo nos lugares por onde passa para se localizar. Ao fazer isso, o mundo vai, aos poucos, surgindo à sua volta, através do som. Assim, os objetivos que podem ser desenvolvidos a partir do curta permeiam a autoconfiança e a independência.

O penúltimo curta é "*Ian*" (2018), dirigido por Abel Goldfarb. Originário da Argentina, é classificado como animação, drama, família e fantasia e possui sete minutos e cinquenta e sete segundos de duração. A trama conta a história de Ian, um menino com paralisia que passa regularmente pelo parquinho e sempre se imagina brincando com outras crianças que o frequentam, porém ninguém o convida para as brincadeiras, até que, um dia, uma das crianças vê seu sofrimento e faz o convite. Assim como os outros curtas, este pode trabalhar a questão da empatia, independência, ampliação das relações interpessoais e respeito às diferenças.

O último curta-metragem, intitulado "*Hair love*" (2009), foi dirigido por Matthew A. Cherry. O filme possui duração de cinco minutos e cinquenta e cinco segundos, foi originado nos Estados Unidos, e recebeu a classificação de animação, comédia, drama e família. A obra apresenta um pai arrumando o cabelo de sua filha para ir visitar a mãe, e é muito interessante para tratar a questão do autocuidado, de encontrar seu estilo pessoal e incentivar o amor próprio, trabalhando, assim, os objetivos que envolvem os temas independência e autocuidado.

Os filmes selecionados para esse campo têm como objetivo promover um desenvolvimento pessoal e interpessoal, e, como já explicitado anteriormente, os filmes provocam sentimentos no espectador e apresentam formas de viver e pensar, impulsionando-o à reflexão e à curiosidade. Assim como acontecia, e ainda acontece comigo, ao assistir uma produção, repenso minhas atitudes e elaboro questionamentos em relação a mim mesma. Os filmes, com sua linguagem diversificada, conseguem se aproximar do contexto e se conectar com seu espectador, e, por isso, podem ser utilizados como ferramenta de socialização, o que a comunicação. O oferecimento dessa experiência em sala proporciona um momento de interação e debate, definido por Rossi (2015), como:

Um momento em que o aluno pode expor suas ideias (por autoria e não por reprodução), considerar (avaliar) outras ideias sobre o mesmo objeto, mudar de ideia (se considerar plausível) ou ratificar as suas (quando julgar adequado), além de questionar e ser questionado. E tudo isso sem que ele seja corrigido por não acertar a resposta esperada pelo professor (p.227).

O próximo campo a ser abordado é “Corpo, gestos e movimentos”, que tem como objetivo incentivar as crianças a se expressarem através do corpo, a fim de desenvolver a corporeidade e a noção do que é um risco ou não para sua integridade física, além de provocar um movimento de autoconhecimento (BRASIL, 2017). Os curtas selecionados visam, portanto, incentivar o desenvolvimento da consciência corporal e da sua adequação às atividades solicitadas, e a expressão de sentimentos e emoções por meio do corpo.

O primeiro curta selecionado para trabalhar esse campo é o “Juntos novamente” (2021), dirigido por *Zach Parrish* e com duração de sete minutos. Classificado como romance, dança, família, fantasia e animação, trata-se da história de um casal idoso que tenta se reconectar com a vida, e todo esse processo é mostrado por meio da dança e da música. Sendo assim, é possível trabalhar a importância da dança e da comunicação por meio dos gestos e do corpo.

O próximo filme faz parte de uma série da Disney em que Olaf, personagem do longa-metragem “Frozen: uma aventura congelante” (2013), reconta os filmes da Disney, sendo “*Moana*” (2021) a história selecionada para este trabalho. O filme possui direção de *Hyrum Virl Osmond*, duração de quatro minutos e é classificado como família, antologia, comédia, animação e paródia. A partir dele, podemos abordar a ideia do teatro e a comunicação por meio dos gestos.

O terceiro curta-metragem escolhido é uma música do Mundo Bitá, projeto de animação infantil criado pelo músico e designer pernambucano Chaps Melo em 2011. Chamado “Onde se fabrica o pensamento” (2016), foi produzido pela *Mr Plot* Produções, tem duração de dois minutos e cinquenta e cinco segundos, e é originado no Brasil. Este vídeo faz parte de uma coleção na qual o tema desenvolvido é o corpo humano, e, especificamente neste, é trabalhada a cabeça, mostrando onde se localiza e qual é sua função. Além de abordar a adequação do movimento à brincadeira, também pode ser desenvolvido o autocuidado com o corpo.

O último vídeo selecionado é também do Mundo Bitá, intitulado “O parquinho”(2014). Produzido pela *Mr Plot* Produções, tem origem brasileira e duração de três minutos. Ele conta a história de um dia no parquinho, e abre espaço para que se trabalhe a adequação do movimento em relação à brincadeira.

Nesse campo, como foi analisado nos artigos e na minha vivência, os filmes atuam como um motivador. Isso acontece por conterem diversas linguagens, como a música, a dança e o teatro, que se combinam a fim de que se estabeleça uma relação instantânea entre a

produção e o telespectador. Filmes desse tipo atuam como um atrativo, instigando a criatividade, como afirma Silva (2018):

Diante dessas considerações, as crianças podem ter nos filmes uma forma atrativa de conhecer e atribuir significados aos seus conteúdos e às práticas culturais e, ainda, ser mais que espectadoras, pois podem criar seus próprios vídeos ao explorar os artefatos tecnológicos, manifestando-se, também, como produtoras (p.20).

O próximo campo a ser trabalhado é “Traços, sons, cores e formas”, que tem como objetivo incentivar a criação artística e o uso de diferentes formas de expressões e linguagens, desenvolvendo senso estético e crítico e promovendo o autoconhecimento e o conhecimento do mundo (BRASIL, 2017).

Um dos curtas que podem ser utilizados para trabalhar esse campo é “Toquinho no mundo da criança: Aquarela” (2003), que consiste na ilustração da música Aquarela, do cantor Toquinho. Dirigido por André Koogan Breitman e Andrés Lieban, o filme tem duração de cinco minutos e onze segundos, foi produzido no Brasil e é categorizado como animação, aventura, família, música e nacional. A partir dele, é possível trabalhar a expressão de ideias através do desenho, além de mostrar as diversas modificações possíveis de serem realizadas nele para expressar o que o autor almeja.

O segundo curta, também musical, que abre a possibilidade para o desenvolvimento do campo em questão, é também do Mundo Bitá, chamado “Vou desenhar” (2014). Produzido no Brasil pela *Mr Plot* Produções, tem três minutos e vinte e seis segundos de duração. A partir dele, pode ser trabalhada a consciência musical, além de, assim como no curta mencionado anteriormente, a expressão por meio do desenho.

O terceiro vídeo selecionado é intitulado “*Katachi*” (2012), tem origem estadunidense e foi dirigido por *Kijek/Adamski*. O curta tem duração de três minutos, é uma composição musical de *Shugo Tokumaru*, e apresenta diversas imagens que aparecem conforme o desenvolvimento da música de fundo. Assim como os anteriores, o filme abre espaço para que seja desenvolvida a questão musical e a expressão por meio de desenhos, pinturas e esculturas.

O último vídeo selecionado foi o “*Toy Story: Férias no Havaí*” (2011), produzido por Gary Rydstrom nos Estados Unidos, com duração de seis minutos, e categorizado como família, fantasia, animação e comédia. O curta-metragem apresenta a narrativa de quando Barbie e Ken acreditavam que iriam juntos com Bonnie para o Havaí, mas acabaram ficando em casa. Vendo a tristeza dos dois, seus amigos se reúnem para criar, dentro do quarto, as

férias que o casal tinha imaginado. Assim como na ilustração animada da música Aquarela, é possível trabalhar a expressão pela arte.

Os quatro curtas selecionados neste campo têm como objetivo incentivar a produção artística dos alunos, utilizando diversas formas de motivar a expressão por meio da arte. Nesse sentido, as produções cinematográficas atuam como um motivador para que as atividades aconteçam de forma mais prazerosa. Como dito anteriormente, os filmes em minha vida me proporcionaram conhecimentos de forma prazerosa, me incentivando a ter mais vontade de aprender. Tal experiência pode ser embasada pelo artigo de Almeida e Brasileiro (2022), quando citam que:

[...] os filmes possibilitam a aprendizagem de várias habilidades, pois fornecem um ambiente agradável, motivador, tornando os alunos mais interessados, pelo fato de a aula sair do tradicional (p 232).

O penúltimo campo de experiência é intitulado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, e tem por objetivo incentivar a comunicação, tanto oral quanto escrita, tendo como objetivo o desenvolvimento da criança no aspecto social (BRASIL, 2017).

O primeiro curta-metragem escolhido para esse campo é “Dourado” (2016), curta brasileiro com duração de oito minutos e quinze segundos, dirigido por Bernardo Teixeira e identificado como ficção e aventura. Na trama, um menino narra a experiência de ganhar seu peixe dourado. A partir dele, podem ser desenvolvidos os aspectos do reconto e da produção de histórias.

O segundo curta selecionado é a música “Palco de brinquedos” (2018), do Mundo Bitá, composta, produzida e interpretada por Chaps Melo. Além dele, a música também teve como compositor João Henrique Souza e como produtores musicais Vinícius Guerra (Vinispace) e Walman Filho. Essa é uma produção original do Brasil e tem duração de três minutos e dezenove segundos. A música desenvolve o tema da brincadeira, e, a partir dela, pode-se desenvolver brincadeiras cantadas.

O terceiro curta apresentado como possibilidade de trabalho é “Iemanjá Yemojá: A criação das ondas” (2016), dirigido por Célia Harumi Seki, tem como país de origem o Brasil, é considerado animação e mitologia afro-brasileira e tem duração de nove minutos e quinze segundos. Ele conta a história de Iemanjá, e, assim como o primeiro apresentado, a partir dele podem ser trabalhados a produção e o reconto de histórias, além de servir como alternativa para o desenvolvimento de projetos sobre diversidade, tolerância religiosa e culturas africanas.

O último curta selecionado foi uma música do Mundo Bitá, que trata do tema imaginação. Intitulada “Imagine-se” (2015), a canção tem produção brasileira pela *Mr Plot* Produções, e sua duração é de um minuto e trinta e sete segundos. Assim como a música “Palco de brinquedos” (2018), apresentada como a segunda possibilidade para esse campo, o curta desenvolve a criação de brincadeiras cantadas.

O foco dos curtas apresentados neste campo é incentivar a criação de histórias e brincadeiras, estimulando a criatividade. Como já mencionado nos capítulos em que falo sobre os artigos norteadores e sobre minha vivência, o curta-metragem é uma forma de estimular a criatividade e a reflexão. Silva (2018), além de afirmar este ponto em seu texto, chama a atenção para outra questão que também é muito valorizada: o protagonismo do aluno e os momentos de conversa:

O cinema cria um mundo de possibilidades. É uma arte, faz provocações, inspira, instiga. Os curta-metragens e os momentos de Rodinha permitiram que as crianças realizassem análises, discutissem seus conhecimentos e os aprimorassem. Foi um canal que permitiu a comunicação entre eles, e entre eles e a pesquisadora. Os alunos tornaram-se protagonistas de sua aprendizagem, uma vez que foi oferecida a conversa e a troca entre eles (SILVA, 2018, p.29).

O último campo, “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, tem por objetivo desenvolver a noção dos fenômenos naturais e matemáticos (BRASIL, 2017).

O primeiro curta que aborda o desenvolvimento do campo matemático é a música “Matemagicamente” (2018), do Mundo Bitá, composta por Chaps Melo e João Henrique Souza, com produção musical por Chaps Melo, Vinícius Guerra e Walman Filho, e interpretada por Chaps Melo e Gabriel Azevedo. A produção tem origem no Brasil e possui duração de três minutos e dez segundos. O curta é uma animação musicada que aborda a temática da matemática, e, a partir dele, podem ser desenvolvidas noções de quantidade e sequência numérica.

Outro curta, também do Mundo Bitá, que abre possibilidades para o campo em questão é a música “A gente cresce” (2016), produzido pela *Mr Plot* Produções, originário do Brasil, com dois minutos e quarenta e dois segundos de duração. Essa música conta um pouco sobre o processo de crescimento e, a partir dela, podem ser trabalhadas questões sobre medida, peso, altura e construção de gráficos.

O último curta-metragem selecionado para esse campo foi a produção brasileira “Virando gente” (2013), dirigido por Ana Lúcia Godoi, e classificado como animação, família e fantasia. O filme possui nove minutos e quarenta e quatro segundos de duração e apresenta

um menino contando, à sua maneira, seu crescimento e sua relação com o mundo. A partir dele, é possível trabalhar a narração de fatos marcantes da vida do aluno.

Os três curtas apresentados têm como objetivo trabalhar a matemática e a noção de tempo com os alunos. Sendo assim, como já relatado em alguns campos anteriormente, o curta-metragem se apresenta como uma forma de tornar a aula mais interativa e criativa. O artigo “Cinema como recurso didático pedagógico na Educação Infantil - um relato de experiência” explica essa afirmação:

A utilização de filmes educativos na aula estimula desde cedo as crianças a cultivarem o prazer pela ludicidade e aprender de forma enriquecedora e criativa através das novas tecnologias. Educar pelo cinema é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. É decifrar os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético (ALMEIDA; BRASILEIRO, 2022, p.232).

Para concluir, todos os curtas selecionados têm como objetivo promover o desenvolvimento integral do aluno, e, por isso, foram pensados de forma interdisciplinar, priorizando os que envolvem mais de um campo de aprendizagem. Entretanto, sempre é colocado um campo como principal, para facilitar o processo da professora na utilização das produções. Além disso, o planejamento a partir desse recurso deve ocorrer visando promover um momento seguro para que o aluno possa expressar tanto seus sentimentos, quanto suas ideias. Momentos de roda de conversa são essenciais para que, de fato, a aprendizagem aconteça, pois, como já explicitado, são neles que as reflexões e as descobertas ocorrem. É de extrema importância que a docente, ao selecionar os filmes para sua aula, pense em produções que estimulem o respeito à diversidade e o empoderamento das minorias, e que busquem incentivar o autoconhecimento, a criatividade e o olhar crítico. Ao utilizar esse recurso, é importante que a aula seja planejada visando estes mesmos princípios, sempre colocando o aluno como protagonista.

5 CONCLUSÃO

A partir da pesquisa documental realizada e da minha vivência, constatei que as produções cinematográficas podem ensinar de forma lúdica, gerando um processo de identificação e permitindo que o aprendizado ocorra de forma mais fácil e significativa, proporcionando, inclusive, o estímulo da comunicação, do pensamento crítico, do consumo de arte, da criatividade, do autoconhecimento e da empatia. Vale ressaltar que a intencionalidade e o planejamento são fundamentais para que a experiência seja exitosa.

Como observado, os momentos de socialização do pensamento são muito marcantes, pois neles são apresentados diferentes posicionamentos em relação a uma mesma situação, o que possibilita o surgimento de dúvidas e a construção de novas relações com a realidade. Por ser algo pouco utilizado na escola, as produções cinematográficas promovem um interesse e uma curiosidade maior no aluno, incentivando a imaginação, a criatividade e o prazer pelo aprendizado, além de poder ser utilizadas como forma de socialização. Por meio delas, podem ser criados momentos de afeto, união, debate e negociação, promovendo momentos marcantes para o estudante, que recebe influências e pode alterar sua concepção sobre a vida e sobre si mesmo.

Outro ponto a ressaltar é o papel fundamental que tem a/o docente na condução dessas atividades. A utilização desse recurso exige um planejamento prévio, e os curtas devem ser analisados e selecionados através de um olhar crítico, visando não reproduzir estereótipos e preconceitos. Além disso, o momento da exibição também deve ser pensado atentando à qualidade do som e da imagem para todos e um ambiente confortável. É importante valorizar o protagonismo das crianças e escutá-las com atenção, tornando a mais criativa – o que foge da pedagogia tradicional – e proporcionando momentos únicos para os estudantes.

É importante destacar que, por esta prática pedagógica ainda não ser comum nas escolas, não existem muitas pesquisas sobre o tema, além de não ser uma metodologia valorizada e debatida na formação pedagógica, principalmente no período da Educação Infantil, o que dificulta a utilização dos curtas com embasamento teórico.

Para concluir, os curtas apresentados durante a pesquisa foram selecionados com o objetivo de incentivar a utilização desse recurso pedagógico dentro de sala de aula, a fim de promover momentos de desenvolvimento para o aluno, proporcionar novas experiências e sensações, e gerar momentos marcantes. Eles são apenas sugestões, pois, ao levar em consideração o contexto do aluno, percebem-se diversas formas de trabalhar um mesmo curta-metragem. Nesse trabalho, eles foram selecionados visando conteúdos gerais abordados

para essa faixa etária, sempre levando em conta os aspectos valorizados na BNCC. Há inúmeros outros curtas a serem utilizados além dos apresentados aqui a título de exemplo, e todos eles podem servir como um incentivo e um ponto de partida para que as professoras sejam estimuladas a pesquisarem outros títulos.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P; BRASILEIRO, T. S. A. O cinema como recurso didático pedagógico na educação infantil - um relato de experiência. **RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades** –Cidadania, Diversidade e Bem Estar, p. 189-254, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/10087/7360>>. Acesso em: 7 set. 2022.

BRASIL et al. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**, 9394/1996. Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 1997.

BRASIL. Medida Provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZFESaU>>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, p. 30-38, ago. 2010. Disponível em: <http://www.moodle.cpsctec.com.br/capacitacaoopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CUNHA, S. R. V. Entre Van Goghs, Monets e Mônicas: A infância educada através de imagens. **Ciênc. let.** Porto Alegre, p. 107-123, jan./ jun. 2008.

DOURADO. Direção: Bernardo Teixeira.[S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (8 min e 15 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ORB8-wAEmf0>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FORA de vista. Direção: Yuya Ting [S. l.: s. n.], 2010, 1 vídeo (5 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6hCbB67Pz7c>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. [S. l.: s. n.], 2020.

HAIR love. Direção: Matthew A. Cherry [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-4htxN0IAQ4>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

IAN. Direção: Abel Goldfarb [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ztqaa-NWYQ8>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

IEMANJÁ Yemojá: A criação das ondas. Direção: Célia Harumi Seki [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xi-F4x4fMYw>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

JUNTOS novamente. Direção: Zach Parrish [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (7 min). Disponível em: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/juntos-novamente/3KPeVueXrxck>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

KATACHI. Direção: Kijek/Adamski [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-WM-x_BOk>. Acesso em: 9 fev. 2023.

LILO e Stitch. Direção: Dean DeBlois e Chris Sanders. [S. l.: s. n.], 2002. 1 DVD (85 min).

LILO e Stitch 2: Stitch deu defeito. Direção: Michael Labash e Tony Leondis. [S. l.: s. n.], 2005. 1 DVD (68 min).

MUNDO Bitá - A Gente Cresce. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AFN52hq7d7w>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNDO Bitá - Imagine-Se. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GivehL1pBag>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNDO Bitá - Matemagicamente. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K9R5OCoclp4>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNDO Bitá - Onde Se Fabrica o Pensamento. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FhNJHE0aask>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNDO Bitá - O Parquinho. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <<https://youtu.be/OCyKKSjCzKY>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

MUNDO Bitá - Palco de brinquedos. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M71yKfSkyJA>>. Acesso em: 9 fev. 2023.

MUNDO Bitá - Vou Desenhar. Produção: Mr Plot Produções [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <<https://youtu.be/zL5nyXPjJjU>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

OLAF apresenta: Moana. Direção: Hyrum Virl Osmond [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/video/8c90b1d9-7eef-4bc5-9ab7-85e4d2747b83>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

O PRESENTE. Direção: Jacob Frey [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-d3g2iF02tM&t=53s>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

PARCIALMENTE nublado. Direção: Peter Sohn [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rwOuv0SgH2c>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

PEQUENO raio de esperança. Direção: Alyce Tzue [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XcAyzi1-yIE>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

ROSSI, M. H. W. Leitura visual e educação estética de crianças. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v.2, n. 2, p. 213-229, ago. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

SILVA, K. P. **Curtas-metragens no processo de ensino e aprendizagem**: um estudo de caso na Educação Infantil. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídias na Educação) - Centro Interdisciplinar De Novas Tecnologias Na Educação, Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2018, p. 9-39. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200868/001104293.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 set. 2022.

TOQUINHO no Mundo da Criança - Aquarela. Direção: André Koogan Breitman e Andrés Lieban [S. l.: s. n.], 2003. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <<https://youtu.be/FH-8ydKbc08>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

TOY Story: Férias no Haváí. Produção: Gary Rydstrom [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KTercZvepM>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

VIDA animada. Direção: Roger Ross Williams. [S. l.: s. n.], 2017. 1 DVD (89 min).

VIRANDO gente. Direção: Ana Lúcia Godoi [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OL8FGPJHy7g>>. Acesso em: 2 fev. 2023.